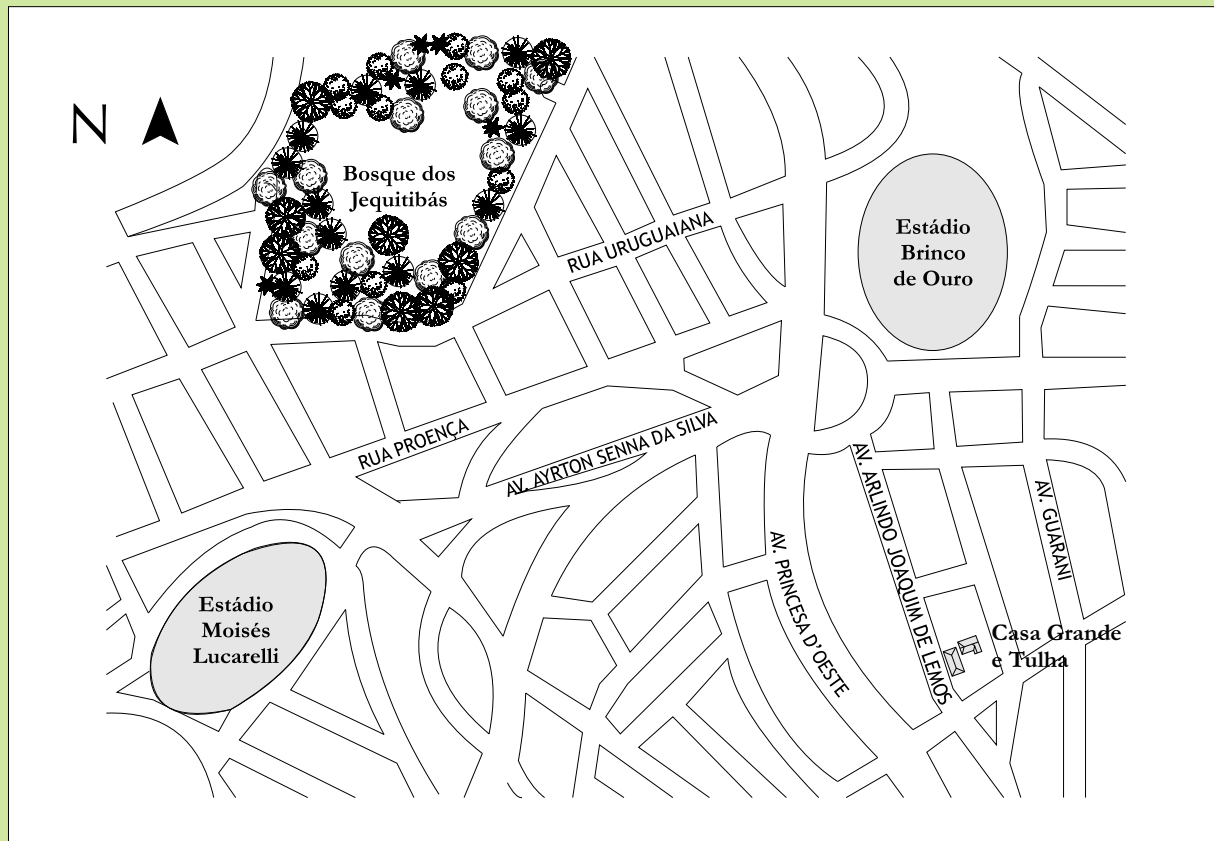


Veja onde ficam Casa Grande e Tulha e conheça outros patrimônios que também são para todos:

DOBRE AQUI



paraTODOS

Folheto do Patrimônio Cultural de Campinas

19



Casa grande e tulha:

No Jardim Proença, histórias da vila do açúcar à cidade do café



paraTODOS É uma publicação da Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC)

www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/
folhetoparatodos@gmail.com

EXPEDIENTE

paraTODOS 19 3 de novembro de 2010

Prefeito Municipal de Campinas - Hélio de Oliveira Santos
Secretário de Cultura - Arthur Achilles Duarte de Gonçalves
Coordenadoria do Patrimônio Cultural - Daisy Serra Ribeiro

Concepção, pesquisa, texto e projeto gráfico: Rita Francisco

DOBRE AQUI



Os imóveis conhecidos como Casa Grande e Tulha se situam na Avenida Arlindo Joaquim de Lemos, 1300, no Jardim Proença.

Aqui também começou Campinas!

Logo no segundo número de nosso folheto, tratamos de um bem cultural relacionado à fundação de Campinas, a Capela de Santa Cruz.

Naquele folheto contamos um pouco sobre o começo de nossa cidade, você se lembra? Ainda no século XVIII, sua origem esteve ligada aos pousos criados entre São Paulo e a região do atual estado de Goiás, onde havia sido encontrado ouro.

No pouso que deu origem à Campinas se organizaram três pequenos núcleos de povoamento, conhecidos como *campinhos*. Assim como o Largo de Santa Cruz, o local da Casa Grande e Tulha foi um desses *campinhos*.

Do engenho de açúcar à fazenda de café

Acredita-se que o edifício da Tulha tenha sido construído entre 1790 e 1795, ainda no auge do período açucareiro na região e que a Casa Grande, por sua vez, tenha sua origem ligada já aos primeiros anos do século XIX, marcando a transição da adaptação das estruturas do antigo engenho de açúcar para uma fazenda de café, a Fazenda Proença.

DOBRE AQUI

A chamada *Casa Grande* era o espaço residencial da antiga Fazenda Proença. Mas e a *Tulha*, você sabe para que era utilizada?

Nos tempos das fazendas de café, eram nas tulhas que eram armazenados os grãos dos frutos, após sua secagem nos *terreiros*.

Como a tulha em questão é anterior à fase cafeeira da propriedade, acredita-se que tenha sido, ainda nos tempos do açúcar, uma espécie de depósito.

E mais tarde, de chácara a bairro urbano

Ainda no século XIX, após o falecimento de seus proprietários, a Fazenda Proença foi desmembrada em duas chácaras. O espaço urbano da cidade ia se aproximando do mundo rural. Surgia assim a Chácara Paraíso, que daria origem aos futuros bairros Jardim Proença, Jardim Primavera e Vila Lemos.

Já no século XX, novos herdeiros completaram a divisão da então denominada Chácara Proença, que ficou reduzida a uma pequena propriedade. A antiga senzala foi demolida, a tulha reformada e a casa grande sofreu alterações em seu interior.

Até o final dos anos 1960 os imóveis ainda pertenceram a herdeiros dos primeiros proprietários. Em 1978 a área foi adquirida pelo arquiteto Antonio da Costa Santos, que deu início à restauração das edificações.

DOBRE AQUI

Isso também é patrimônio!

Como vimos no paraTODOS 05, Antonio da Costa Santos foi um dos idealizadores da Sociedade Febre Amarela, entidade cuja atuação foi determinante para a criação, em 1987, do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas, o Condepacc.

A atitude de Toninho em relação aos edifícios da Casa Grande e da Tulha é emblemática de sua preocupação com o patrimônio cultural campineiro.

Quando o arquiteto adquiriu a propriedade, não havia ainda o órgão local de defesa do patrimônio, mas Toninho solicitou seu tombamento junto ao órgão estadual, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). No início dos anos 1990, fez o mesmo junto ao recém criado Condepacc.

Em sua justificativa, apontava a importância geográfica do conjunto para se entender o crescimento urbano de Campinas, da vila do açúcar à cidade do café.

O tombamento do conjunto deve ser compreendido, nesse sentido, como iniciativa de se preservar o principal marco do bairro, que chegou aos dias de hoje inserido na paisagem urbana mais recentemente construída, atuando como elemento simbólico de manutenção da memória da população ali residente.

